Apolônio de Tiana e a Manipulação para Transformá-lo no Rival de Jesus ou no Cristo Pagão

Octavio da Cunha Botelho

Considerações iniciais

A tradição do seu culto, a qual foi florescente do século II ao IV e.c., não sobreviveu até os dias atuais. Porém, uma grande dose de admiração por este controvertido personagem ainda é cultivada pelos esoteristas, pelos teósofos, pelos adeptos da Rosa Cruz e pelos maçons. A admiração pode chegar ao delírio de até conceber que Apolônio foi uma reencarnação de Jesus. Ora reconhecido como um rival de Jesus, ora como um ‘cristo pagão’, seu ensinamento e sua vida em muitos episódios se assemelham aos de Jesus: curas, ressuscitamento de mortos, proclamação de profecias, realização de milagres, confronto com as autoridades romanas, rejeição aos sacrifícios sanguinários, caridade aos pobres, prisão e julgamento por tribunal romano, ascensão ao céu e aparição após a morte. Se a intenção do autor da sua biografia (*Vita Apollonii Tyanensis*) foi comparar ou, até mesmo, superar as façanhas de Jesus, ainda é uma polêmica entre os pesquisadores. Não aparece nenhuma menção do Cristianismo nesta obra. Apolônio se tornou uma das últimas figuras heroicas da religião pagã, e como tal, um rival natural de Jesus na luta entre paganismo e Cristianismo. Para os adeptos do sincretismo, ele foi o ‘Cristo Pagão’.

O que podemos afirmar com mais segurança é que ambos os relatos, de Apolônio e

de Jesus, duas figuras quase contemporâneos, são justaposições de mitos e de fatos históricos. A diferença é que, a quantidade de material preservado deste último é muito maior, enquanto que, o principal relato da vida e dos ensinamentos de Apolônio foi registrado na *Vita Apollonii Tyanensis* (Vida de Apolônio de Tiana), de Flávio Filóstrato (170-247 e.c), publicada em 217 e.c. Os outros relatos anteriores, mencionados pelo autor para o uso na composição da biografia, foram perdidos.

No entanto, a preservação de maior quantidade de textos de uma figura religiosa, não significa, consequentemente, que esteja assegurada a historicidade completa ou da maior parte dos relatos de referido personagem, pois quanto maior o número de relatos, maior poderá ser o número de lendas e de ficções acrescidas nos relatos, o que é muito comum na cultura religiosa, uma vez que o ímpeto pela exaltação e pelo embelezamento é um hábito compulsivo dos autores nos momentos da composição de textos religiosos. Em outras palavras, quanto maior a quantidade de textos, maior a produção delirante, e este último parece ser o caso do Cristianismo. Enfim, o que mais importa é o grau de historicidade dos relatos ou das provas documentais e materiais.

A Vida de Apolônio de Tiana segundo Filóstrato

Grande parte do que se conhece sobre este místico é extraído da biografia romantizada intitulada *Vita Apollonii Tyanensis* (Vida de Apolônio de Tiana), de autoria de Flávio Filóstrato (170-247 e.c.), um erudito e sofista da corte dos Saveri, cuja composição foi empreendida após o pedido de Julia Domna, esposa de Sétimo Severo e mãe de Caracalla, para que este erudito desse um formato literário para uma coleção de anotações (*hypomnemata*) feitas por um discípulo e companheiro de viagem de Apolônio chamado Damis (Conybeare, 1912: vol. I, 11; Dzielska, 1986: 19 e Zimmerman, 2002: 79). Ela lhe entregou as memórias para tal tarefa, as quais ela tinha conseguido com um parente de Damis, porém Julia Domna faleceu antes da publicação da *Vita Apollonii* em 217 e.c. Aconteceu neste período uma onda de admiração por Apolônio de Tiana na corte dos Saveri. Caracalla visitou Tiana e aumentou o santuário do culto a Apolônio. Alexandre Severo mantinha um altar (*lararium*) com estátuas de Abraão, Orfeu, Cristo e Apolônio de Tiana (Zimmerman, 2002: 79). A historicidade de Damis e a veracidade da existência destas memórias (*hypomnemata*) são objetos de discussão entre os pesquisadores. Maria Dzielska entende que ambas são invenções da imaginação

de Filóstrato, a fim de embelezar a biografia (Dzielska, 1986: 19s).

Apolônio é retratado na biografia de Filóstrato como um filósofo neo-pitagórico, nascido na cidade de Tiana, na Capadócia, uma região da atual Turquia. Como tal, ele rejeitava vinho, casamento, carne e condenava o sacrifício de animais. Em sua emulação do seu mestre (Pitágoras), Apolônio caminhava descalço com barba e cabelos compridos. O início de sua carreira foi como um médico e curandeiro no templo de Asclépio na Cilícia, onde ficou famoso por sua capacidade de cura (Odgen: 2002, 61). Em seguida viajou muito, esteve na Pérsia, na Índia, no Egito, na Grécia, em Roma, na Espanha e em muitas cidades do Oriente Médio (Dzielska, 1986: 51-84). Por todos os lugares onde passou, ele revolucionou os cultos, bem como foi admirado e profetizado como alguém destinado a ter uma missão divina. Ele viajou pelo mundo como um salvador. Também foi perseguido quando começou a assumir partido político, foi preso, levado a tribunal, em um deles escapuliu desaparecendo milagrosamente.

Parece que ainda no século II e.c., ele já tinha se tornado uma lenda, quando provavelmente muitas histórias fabulosas foram acrescidas à sua tradição. Filóstrato pode ter lançado mão de algumas e acrescidos outras durante a composição da *Vita Apollonii* (Kofsky, 2000: 60 e Zimmerman, 2002: 79-80).

A historicidade de Apolônio

As datas precisas do seu nascimento e da sua morte ainda são controvérsias entre os historiadores. Maria Dzielska sugere 40-120 e.c., outros autores preferem apenas mencionar que sua vida se desenrolou no primeiro século (Ogden: 2002: 61 e Zimmerman, 2002: 79).

Tal como no caso de Jesus, em Apolônio não existe sequer um registro contemporâneo por um autor de fora da sua própria tradição também. O registro mais próximo do nazareno é o do historiador judeu Flávio Josefo (37-100 e.c.), na obra *Antiguidade dos Judeus* (18.03.03), de 93 e.c., portanto cerca de seis décadas após a morte de Jesus. No caso de Apolônio, é o do retórico e satírico Luciano de Somasata (125-180 e.c) que vem a referência mais próxima, na obra satírica *Alexander Sive Pseudomantis* (Alexandre o Falso Profeta – um discípulo do discípulo de Apolônio), na qual Apolônio é retratado como um charlatão e mago depravado (Fowler, 1905: vol. II, 212-38 e Zimmerman, 2002: 79), portanto, algumas décadas após a morte do profeta de Tiana. Que este personagem existiu, parece difícil negar, agora o que intriga os historiadores e os pesquisadores é saber, assim como na vida de Jesus, o que nos seus relatos é mito e o que é história. Assim como existe um projeto “Em Busca do Jesus Histórico”, historiadores de Apolônio tentam fazer o mesmo, mesmo diante da menor

quantidade de relatos preservados, o que torna a tarefa mais difícil. A inscrição exposta no museu de Adana, Turquia, pode ser uma prova material de que o seu culto foi florescente em algumas regiões do Império Romano (Jones, 1980: 190-4).

De modo que, a historicidade de ambos parece ser certa, as dúvidas persistem quanto ao tanto de mitos e de forjamentos foram acrescidos aos fatos históricos. Assim, por falta de material independente da tradição religiosa e de origem imparcial em ambos (Apolônio e Jesus), torna-se difícil saber o que Filóstrato alterou na vida de Apolônio, para fazê-lo igual e até mesmo superior a Jesus, do mesmo modo que é difícil saber o que os compositores dos evangelhos, canônicos e apócrifos, alteraram nos relatos da vida de Jesus, para coincidir com as profecias do Antigo Testamento, e com isso transmitir para a posteridade a ideia de que Jesus era o Messias esperado. Ou até mesmo, por outro lado, procuraram alterar os fatos para desvincular Jesus do Antigo Testamento, a fim de romper o elo com a tradição judaica, como foi o caso dos compositores dos evangelhos gnósticos, para com isso fazer de Jesus mais um sábio do que um salvador. Enfim, a prática de registro e a documentação eram muito precárias na Antiguidade, sobretudo nas regiões periféricas do Império Romano.

O sujo criticando o mau lavado e vice-versa

Sabemos pela história do Cristianismo que Lactâncio (240-320 e.c.) e Eusébio de Cesareia (263-339 e.c.) foram influentes na consolidação da ortodoxia cristã que triunfaria nos primeiros concílios. Ambos escreveram críticas contra Apolônio de Tiana em resposta às críticas a Cristo e aos cristãos feitas por Sossianus Hiérócles (fl. 303 e.c.), governador romano da Bitínia quando a Grande Perseguição (303 e.c.) começou, em sua obra *Amante da Verdade* (*Philalethes*). Maaike Zimmerman entende que, se não fosse esta obra de Hiérócles, Apolônio teria caído no esquecimento (Zimmerman, 2002: 80). O texto original foi perdido, mas as informações de seu conteúdo podem ser extraídas das reproduções de trechos em *Divine Institutes* de Lactâncio (Fletcher, 1885: 138-8) e em *Against Hierocles* (*Contra Hieroclem*) de Eusébio (Conybeare, 1912: vol. II, 484-605). Alguns autores suspeitam que Hiérócles escreveu o *Amante da Verdade* na tentativa de estimular o culto pagão em algumas regiões do Império para com isso conter o avanço do Cristianismo. Suas críticas incluíam: "um ataque ao Novo testamento como estando repleto de contradições internas. Os apóstolos e os evangelistas eram primitivos, ignorantes e analfabetos que divulgaram mentiras. Hiérócles atacou Pedro e Paulo em particular, Jesus era um vadio arruaceiro que foi cercado por uma gangue

de novecentos ladrões. Os cristãos eram ingênuos e idiotas e sua fé irracional. Hierócles tenta minimizar a importância dos milagres que Jesus executou, embora ele não os negue. Ele apresenta ao leitor Apolônio de Tiana e o contrasta com Jesus, alegando que o primeiro realizou milagres que foram tão impressionantes quanto os de Jesus, ou até mesmo maiores. Mas, Apolônio manteve-se em um ar de modéstia, diferente das ostentações de Jesus com suas alegações de divindade. Ele afirma que os pagãos eram mais sábios que os cristãos, porque eles não entendiam Apolônio como um deus, apesar dos milagres que realizou, enquanto que os cristãos acreditavam que Jesus era deus por causa de um número de pequenos milagres" (Kofsky, 2000: 59, também: Ogden, 2002: 67-8).

E mais adiante: "Hierócles condena os cristãos por seu exagerado louvor aos milagres de Jesus, os quais ele compara com aqueles executados por Apolônio de Tiana, tal com descrito por Filóstrato. Hierócles passa então a elogiar a obra de Filóstrato e as biografias anteriores de Apolônio, que ele vê como verdade histórica. Em contraste, as histórias sobre Jesus foram escritas por charlatões como Pedro e Paulo. Hierócles zomba da ingenuidade idiota dos cristãos que fundaram sua fé em falsos relatos, que prestam homenagem à magia e extraem conclusões irracionais quanto à divindade do homem" (Kofsky, 2000: 59 e Ogden, 2002: 67-8).

A publicação de *Amante da Verdade* de Hierócles contribuiu para depreciar a imagem de Jesus e assim, por sua vez, aumentou o orgulho religioso dos pagãos. Com isso, teve uma influência intelectual que preparou o caminho para as grandes perseguições aos cristãos no final do século III e início do século VI.

Por outro lado, Eusébio observa que as críticas de Hierócles não traziam nada de novo, pois eram reproduções literais de críticas de autores precedentes, sobretudo de Celso em *A Verdadeira Doutrina* e de Porfírio em *Contra os Cristãos*. Assim, o que Hierócles fez, na realidade, foi apenas reunir uma seleção de argumentos de seus predecessores contra Jesus e o Cristianismo, e sistematicamente justapôs a imagem lendária de Apolônio com Jesus e os evangelhos. Então, Eusébio preferiu escrever um tratado especialmente para refutar a comparação de Hierócles entre Apolônio e Jesus (Conybeare, 1912: vol. II, 487 e Kofsky, 2000: 60). Lactâncio desprezou a obra de Hierócles irrisoriamente e viu a comparação entre Jesus e Apolônio como banal, enquanto Eusébio a percebeu como um grave perigo (Kofsky, 2000: 63). Portanto, a principal intenção da obra *Against Hierocles* de Eusébio foi desfazer o paralelo traçado por Hierócles entre Jesus e Apolônio, pois para o autor cristão, Apolônio não foi nem sequer um filósofo, nem um homem de alto caráter moral e daí, certamente,

não poderia ser comparado com Jesus (Kofsky, 2000: 66).

Uma das principais preocupações de Eusébio é com os milagres de Apolônio. Ele os discute a fim de apontar as graves dúvidas quanto à sua veracidade. Ele alega que eles foram provavelmente inventados por seus biógrafos (Kofsky, 2000: 67). A crítica de Eusébio luta para minimizar a dimensão sobrenatural da Vida de Apolônio. Ele lança dúvidas sobre todos os milagres realizados por Apolônio, explicando muitos deles como atos de magia, cujos segredos foram aprendidos na Índia, assim argumenta a favor da sua inferioridade. Ainda mais, Apolônio realizou milagres através de um demônio. Eusébio faz um julgamento de cada um dos milagres de Apolônio e os atribui a vários demônios. Ele conclui que todos os milagres foram realizados através de demônios. Eusébio, então, traça a definitiva conclusão que Apolônio era um mago, que era auxiliado por demônios (Conybeare, 1912: vol. II, 565-7 e Kofsky, 2000: 67-8).

Combate entre crendices

Bem, o que extraímos desta discussão acima é que cada lado usa seus argumentos, tanto para acusar como para se defender, porém os mesmos são sempre com base na crença religiosa de cada autor. Um lado acusa o outro lado, a partir de sua crença preferencial e para se

defender utiliza-se também da crença. Algo como tentar "apagar o fogo com fogo e secar a água com água". Enfim, um duelo de crenças. De modo que, nos faz lembrar a frase popular: "o sujo criticando o mau lavado" e vice versa.

De uma maneira geral, quando analisamos criticamente esta discussão entre Eusébio e Hierócles desde uma perspectiva de fora da apaixonada perspectiva religiosa, conseguimos perceber aí um acalorado combate, cujas *armas são os argumentos e as munições as crenças.* Por mais que os argumentos (armas) sejam coerentes em si mesmos, estes são supridos por crendices (munições), que resultam em nenhum efeito letal sobre o inimigo, uma vez que, de ambos os lados, as munições são constituídas da mesma natureza crédula. É um tiroteio com um grande espetáculo retórico, mas sem nenhuma consequência probatória. Algo como combater uma crendice ingênua com outra crendice ingênua. Nenhuma parte é capaz de provar suficientemente que sua crença é mais crível que a outra adversária, pois ambas têm a mesma sustentação: a credulidade. O exemplo nos faz lembrar os filmes de guerra, cujas armas (argumentos) são muito sofisticadas, mas as munições (crenças) são de festim, ou seja, sem nenhum efeito letal, apenas espetáculo.

Obras consultadas

BROWN, Keven. *Hermes Trismegistrus and Apollonius of Tyana in the Writings of Baha'u'llah* em *Revisioning the Sacred: New Perspectives on a Baha'i Theology*. Jack Mclean (ed.), *Studies in the Babi and Baha'i Religions*, vol. 8, Los Angeles: Kalimat Press, 1997, p. 153-87.

CONYBEARE, F. C. (tr.) *Filostratus: The Life of Apollonius of Tyana*, vols. I and II. Loeb Classical Library, vols. 16 and 17. Cambridge: Harvard University Press, 1912.

__________________ (tr.) *The Treatise of Eusebius Agaisnt the Life of Apollonius by Philostratus - by Eusebius.* Loeb Classical Library, vol. 17. Cambridge: Harvard University Press, 1912, vol. II, p. 484-605.

DZIELSKA, Maria. *Apollonius of Tyana in Legend and History*, Roma: L'erma di Bretschneider, 1986.

FLETCHER, William (tr.) *Divine Institutes by Lactantius* em *Early Christian Fathers – Ante-Nicene Fathers, vol. VII, Fathers of the Third and Fourth Centuries.* James Donaldson and Alexander Roberts (eds.). Edimburg: T&T Clark, 1885, p. 01-329. Reprint Grand Rapids: Wm. B. Eerdman Publishing Company.

FOWLER, H. W. and F. G. Fowler (trs.). *Alexander the Oracle-monger* (*Alexander Sive Pseudomantis*) em *The Works of Lucian of Samosata*, vol. II. Oxford: Clarendon Press, 1905, p. 212-38.

JONES, C. P. *An Epigram on Apollonius of Tyana* em *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 100, Centenary Issue, 1980, p. 190-4.
KOFSKY, Aryeh. *Eusebius of Caesarea Against Paganism*. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers, 2000, p. 58-71.
MEAD, George R. S. *Apollonius of Tyana*. London/Benares: Theosophical Publishing Society, 1901.
OGDEN, Daniel. *Magic, Witchcraft and Ghosts in the Greek and Roman Worlds: A Sourcebook.* London/New York: Oxford University Press, 2002, p. 61-77.
ZIMMERMAN, Maaike. *The Conception of Saintliness in Philostratus' Life of Apollonius* em *The Invention of Saintliness*, Anneke B. Mulder-Bakker (ed.). London: Routledge, 2002, p. 79-92.

Sites sobre Apolônio de Tiana

em inglês:
- Artigos de Jona Lendering: http://www.livius.org/ap-ark/apollonius/apollonius01.html
- Artigo de Maria Dzielska: http://www.history.snn.gr/apollonius.html
- Apolônio como encarnação de Jesus: http://www.einterface.net/gamini/tyana.html
- Rosacrucian Digest: http://www.rosicrucian.org/publications/digest/digest1_2009/05

em português:

- Sociedade das Ciências Antigas: http://www.sca.org.br/biografias/ApolonioTiana.pdf